



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS EM CURRÍCULOS DE CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EXERCÍCIO

Maria Roseli Gomes Brito de Sá
(UFBA)

RESUMO:

O texto propõe uma discussão sobre experiências formativas/investigativas realizadas no âmbito de grupo de pesquisa que procura contemplar, simultaneamente, em seus estudos, ações e projetos, as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, tendo como campo dois cursos de Pedagogia para professores em exercício realizados sob forma de convênio com dois municípios baianos. Procura fazer uma reflexão sobre a utilização da escrita (auto) biográfica como dispositivo de formação nos currículos dos referidos cursos, tendo como suporte a relação entre currículo e formação. São formulados conceitos de compreensão e experiência, para dar suporte aos estudos sobre a escrita (auto) biográfica. A questão sobre que experiências nos fazem professores provoca a explicitação sobre a distinção no tratamento das narrativas (auto) biográficas no âmbito do currículo/formação e no âmbito das investigações, das quais são recolhidos alguns resultados para reafirmar a importância da adoção dessas narrativas como dispositivo formativo nos currículos de cursos de formação de professores em exercício.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo, Formação, Narrativas (auto) biográficas

· Professora Adjunta da FAGED/UFBA. Coordenadora da Linha de Pesquisa Currículo e (In)formação do PPGE/UFBA. Pesquisadora em Currículo e Formação de Professores em exercício. Grupo FEP no CNPq. roselisa@ufba.br; roselisa54@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

A proposta deste texto é discutir experiências formativas/investigativas realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa Formação em exercício de professores (FEP), o qual procura contemplar, simultaneamente, em seus estudos, ações e projetos, as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, tendo como campo os cursos de Pedagogia para professores em exercício realizados sob forma de convênio com dois municípios baianos. A dimensão pesquisa procura alimentar as propostas curriculares implantadas. É o que chamamos de Investigação em Campo Piloto.

A presente discussão enfoca um dos temas desenvolvidos no âmbito da pesquisa intitulada Currículo e formação de professores em exercício: o acompanhamento e a (des)articulação com o exercício docente, a utilização da escrita (auto) biográfica como dispositivo de formação nos currículos dos referidos cursos, tendo como suporte a relação entre currículo e formação.

Currículo e formação

Em nossos estudos atribuímos ao Currículo a função de subsidiar percursos formativos e à Formação a condição de nascer de um processo interno de constituição e não necessariamente de uma finalidade técnica. “Nesse sentido, tudo que ela [a formação] assimila, nela desabrocha [...] nada desaparece na formação adquirida, mas tudo é preservado” (GADAMER, 1999, p. 50).

A proposta curricular dos cursos em foco coaduna-se com a concepção gadameriana de formação, principalmente em relação à idéia de que “na formação [...] o próprio processo e os recursos usados pela instrução podem também ser inteiramente assimilados”. Daí porque as atividades curriculares são definidas



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

coletivamente a cada ciclo (semestre) de estudos, a partir das avaliações dos percursos curriculares realizadas pelos próprios professores-cursistas.

Essa opção pela construção coletiva indica a posição conferida aos sujeitos do currículo, a qual por sua vez vem se articular a uma concepção de formação, mais especificamente de formação de professores que privilegia as narrativas de formação como dispositivo formativo. Dessa forma, o registro de memória passa a ser adotado nas propostas curriculares como recurso metodológico/formativo por excelência bem como um manancial de pesquisa significativo para atualizar continuamente as proposições dos cursos.

A formação pensada para os cursos afina-se com ideia nietzschiana de a “como se chega a ser o que se é” ou, “como se vem a ser o que se é” (LARROSA BONDIA, 2002a). “Os professores-cursistas formam-se, ou seja, tornam-se eles mesmos. Não se transformam em outros, em sujeitos ideais. O tornar-se o que se é é um processo (ato) imanentemente revolucionário, pois se trata de uma volta ao futuro”. (SALES, CARVALHO; SÁ, 2007, p. 40)

A proposta curricular constitui-se de

[...] atividades curtas, de conteúdos/formas variados, intencionalmente pulverizadas e não obrigatórias (Atividades temáticas), que se constituíram/constituem em um todo singular e individual, pois diferentemente tecido por cada professor-cursista em articulação com seu fazer pedagógico (Atividades em exercício) e expresso em variados registros textuais (Atividades de Registro e Produção). Cimentando as Atividades Curriculares temos os Eixos Temáticos, agrupamentos conceituais inscritos nas diversas áreas de conhecimento, que respaldam teoricamente os percursos curriculares, como referência fundamental para a formação.

(SALES, CARVALHO; SÁ, 2007, p. 40)

Como se trata de cursos para formação de professores em plena atuação docente, as atividades em exercício podem se constituir em instância privilegiada



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

para a concretização da tão propalada articulação entre teoria e prática. É possível observar também que, nas propostas curriculares em estudo as atividades de registro e produção são estruturantes dos percursos formativos. Tais registros encontram-se em documentos como os diários de ciclo – relatos circunstanciados do percurso de cada ciclo de estudos (semestre) e os memoriais escritos pelos professores desde a entrada no curso até sua última versão, em forma de trabalho de conclusão do curso. As narrativas dos professores-cursistas constituem-se, assim, referências fundamentais para compreensão de seus percursos formativos, para compreensão do que se é e para constituição do tornar a ser o que se é.

Narrativas na formação de professores

As discussões sobre percursos de formação, narrativas de formação, histórias de vida, (auto) biografia, há muito vêm ganhando espaço no campo da educação, notadamente em relação à formação de professores, a partir da compreensão de que os sujeitos fazem suas próprias histórias. As célebres coletâneas sobre formação de professores organizadas por Antonio Nóvoa (1992, 1995) animaram os debates sobre a necessidade de um chamamento aos professores para pensarem sua própria prática, sua profissão e sua formação a partir das suas “vidas de professores”. Goodson (1992) alertava então para a importância de se ouvir a voz desses professores; Schön (1995, 2000) falava sobre a necessidade da reflexão na ação, do professor reflexivo, para expressar a necessidade do professor saber o que faz, ter autonomia.

Também Nóvoa, juntamente com Mathias Finger, publicava em 1988, estudos sobre O método (auto) biográfico e a formação, republicado no Brasil recentemente, quando já se encontram bastante difundidos esses estudos (NÓVOA; FINGER, 2010). Na esteira dos embates teóricos sobre o lugar da objetividade e da



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

subjetividade nas ciências, sobre o lugar dos sujeitos na história e na produção de conhecimentos, proliferam portanto as formulações sobre narrativas de vida, em busca de uma legitimação dessa referência, notadamente na formação de professores. Assim, tomamos conhecimento das pesquisas de Pineau, por meio de Josso (2004), de Dominicé (2010), de Delory-Momberger (2008), bem como dos nossos Souza (2004, 2008), Passegi (2006), Warschauer (2001), entre muitos outros.

De acordo com Souza (2004), quando se fala em histórias de vida, pressupõe-se a história oral, porém aqui falamos de histórias dos professores em exercício, por meio de depoimentos escritos, embora possam ser recolhidos elementos de depoimentos orais. Já Warschauer (2001) ressalta que, ao se buscar a própria compreensão, amplia-se a possibilidade de compreensão do outro; ao se identificar diferentes maneiras de perceber, reagir e significar as experiências, cada pessoa, em sua singularidade e em sua própria etapa de desenvolvimento, o faria de maneiras diferentes. Uma experiência se torna formativa, para essa autora, quando a pessoa (aprendiz, professor, pesquisador) pode perceber o que vive. Assim, a ênfase na pessoa do professor e na sua história de vida assim como a referência à sua identidade como um processo, construído nessa história, dariam um status teórico à experiência e à subjetividade, abrindo uma nova perspectiva para o entendimento da formação.

Josso (2004), por sua vez, considera que, para uma experiência ser considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem, ou seja, considerar que essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades. Essa inscrição da experiência como referência de saber, com estatuto de conhecimento legítimo articula-se com as formulações de Larrosa Bondia

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

(2002a) para quem experiência é o que nos passa e o modo como nos colocamos em jogo, nós mesmos, no que se passa conosco.

Neste sentido e retomando a idéia que as coisas só acontecem na relação, defenderia que temos uma experiência quando as experiências espaço-temporais se tornam singulares, de acordo com a maneira como cada pessoa exerce sua compreensão de mundo. Diria que a trama da “formação” é tecida na itinerância, que por sua vez comporta a errância empreendida por uma pessoa que, segundo Larrosa, “[...] já não se concebe como uma substância dada, mas como forma a compor, como uma permanente transformação de si, como o que está sempre por vir”. (LARROSA BONDIA, 2002b, p.67).

A perspectiva de formação aqui trabalhada, coadunada com a de experiência e tendo as narrativas (auto) biográficas como dispositivo formativo pauta-se em uma concepção de sujeito que se afasta daquele sujeito pensado por Descartes como elemento fundante. Gostaríamos de entrar nessa discussão com o apoio de formulações de Heidegger, inserindo esse sujeito em um mundo. Um mundo de possibilidades. Como ter certeza de uma identidade fundada em um ser previamente estabelecido, se temos um mundo? Somos seres em movimento, comportamo-nos a partir de elementos já estabelecidos e organizados historicamente quando somos lançados ao mundo; mas em uma visada ontológica, o mundo se apresenta como abertura e nesse mundo não habita propriamente um sujeito no sentido da representação, da pura consciência, um sujeito que se constitui idealmente em contraposição ao objeto, mas um ser que está no mundo, está aí: o Dasein (a pre-sença) que é a relação ser/mundo.

Em Heidegger (1998) a busca do sentido do ser não significa uma essencialização de um ser universal e metafísico. Ele desenvolve a idéia do ser-no-mundo, fundamento do Dasein, aqui traduzido como pre-sença, estar-aí, ser-aí. Trabalha com a tensão da existência, no emergir e imergir no mundo, fazendo-se



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

parte dele. Dessa forma, o homem não pode ser o ente que é, senão encarnado no mundo, em contínua comunhão com os outros entes.

Para desenvolver esse processo de compreensão do sentido do ser, Heidegger trabalha o sentido da finitude, evidencia o aí do ser-aí e insere o homem em um mundo, é o ser-no-mundo, mas esse aí do ser-aí não quer dizer um fechar-se do homem sobre si mesmo, mas um abrir-se na e para a compreensão.

A compreensão não é uma propriedade do homem como outra qualquer, assim como não pode ser elucidada meramente a partir da subjetividade do sujeito, mas como um fundamento da finitude do Dasein. Não se trata da compreensão humana do ser, no sentido de comprometê-lo com a subjetividade, mas a do próprio ser ou do fundamento em si mesmo, lembrando que fundamento é o que está mais no fundo, na origem, no íntimo do Dasein. (SÁ, 2004).

Na condição de ser de possibilidades, desenvolvemos nossa compreensão do mundo, imersos nesse mundo, interpretando-o continuamente, desocultando-o, desvelando-o. No mundo do currículo, o estudante (em nossos estudos, o professor-cursita) vai desvelando suas potencialidades e atualizando-as. É preciso que experimente, se exercite em suas possibilidades. Assim, o modo de relação é o que define a identidade. Se o homem não é homem em si mesmo, para assegurar uma identidade lógica, mas se constitui ontologicamente a partir de sua presença no mundo, de suas interpretações, de seu existir no mundo, o professor-cursita de Pedagogia, no mundo do currículo, não tem uma identidade em si, mas se constitui em sua singularidade no campo existencial constituído pelos modos de suas presenças nesse mundo.

A partir desse referencial, poderíamos dizer que as experiências constituem-se em referências fundamentais para o processo de compreensão de mundo. Quando há experiência atualizamos nossas referências, aprendemos, sendo que as vivências promovidas em processos de formação atingiriam o status

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido. (JOSSO, 2004)

Que experiências nos fazem professores?

Esta é uma questão fundamental em nossos estudos, considerando as concepções de currículo, de formação, de experiência, de compreensão aqui explicitadas e os estudos sobre formação de professores e sobre narrativas (auto) biográficas mencionados. Na presente discussão, duas outras questões se impõem: Como registrar as memórias dessas experiências que constituem os percursos formativos subsidiados pelos currículos em estudo? (Dimensão da formação) e Como interpretar as memórias dessas experiências registradas nos diários de ciclo e memoriais? (Dimensão da pesquisa).

Uma vez explicitados, minimamente, os caminhos trilhados pelas propostas curriculares para responder à primeira questão, abordaremos a seguir os caminhos investigativos que percorremos para responder à segunda.

As investigações em campo-piloto realizadas para alimentar continuamente as ações curriculares buscam compreender (mais que explicar), as itinerâncias do/no currículo. Adotamos uma abordagem hermenêutica de cunho fenomenológico que busca articular, sem hierarquizar, diferentes referências, sem a pretensão da transparência, mas tendo como pressuposta a opacidade da dinâmica do currículo, como de resto, a opacidade dos percursos formativos.

Nessa opção metodológica buscamos articular as múltiplas referências pela bricolagem, organização em tessitura, em que o aprofundamento não se dá verticalmente, mas pela possibilidade de construir objetos a partir de fragmentos (referências) selecionados e colocados juntos, a partir da configuração da dinâmica das relações na realidade. (LAPASSADE, 1998).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Buscando uma organicidade em relação à importância da narrativa, essa é a forma em que se apresentam também os relatórios de pesquisa. Esse entrelaçamento entre a investigação e os procedimentos de ensino, entre os percursos formativos e as ações curriculares encontra respaldo ainda nas formulações de Dominicé (2010), para quem,

A abordagem biográfica pode assim ser considerada como um lugar de confrontação de verdades construídas no decurso da existência, como um espaço onde se entrecrocavam reflexões sobre a formação, provenientes de diferentes percursos de vida. A investigação torna-se então a que cada um pretende. Contribui para a formação, do mesmo modo que a formação a torna possível. Assim como a nossa formação nos conduziu num determinado momento a essa investigação. (DOMINICÉ, 2010, p. 208).

Valendo-nos aqui de resultados de pesquisas realizadas em nosso grupo de pesquisa sobre as narrativas (auto) biográficas, diríamos, juntamente com Fabrizia Oliveira (2010) por meio das conclusões de sua investigação sobre Memórias na Formação do Professor que: o memorial possui uma função pedagógica, na medida que traz as experiências pessoais e profissionais dos professores-cursistas; a escrita do memorial proporcionou a busca ao passado, presentificado e potencializador de reflexões e atualizações; proporcionou conhecimentos e desdobramentos de si. Adentrou em uma dimensão existencial. História e Memória foram trabalhadas em uma inter-relação dinâmica dando suportes às identidades individuais e coletivas. A memória, como constituição do fundamento da identidade, pela busca da compreensão das experiências que nos tornam o que somos, possibilita a compreensão da própria prática.

Já o trabalho de Verônica Domingues Almeida (2010) sobre A experiência em experiência: saberes docentes e a formação de professores quis compreender os percursos singulares da formação de professoras em exercício em Curso de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Pedagogia, narrados por elas mesmas, em seus memoriais de formação. As narrativas das professoras graduandas suscitaram um momento de narrativa (auto) biográfica da própria autora, que declara:

Neste exercício de pensar sobre o pensar do outro, de compreender a compreensão do outro, me vi, em muitos momentos, mergulhada nas possibilidades de minhas próprias atualizações. Pensei sobre meu pensar, questionei meus questionamentos, compreendi minhas compreensões, me atualizei, não poderia deixar de expressar aqui, como coloquei a minha experiência em experiência na pesquisa, traduzida em formação.

No trabalho de conclusão de seu curso de Pedagogia, em forma de memorial, abordando o caráter formativo da pesquisa, notadamente a pesquisa realizada como bolsista de iniciação acadêmica acerca das narrativas dos professores-cursistas dos cursos em estudo, Isis Ceuta Alves (2010) declara:

Escrever um memorial teve gosto bom. Gosto de afirmação daquilo que se é. Foi lembrando a negação inicial da pedagogia, que a felicidade e a certeza da boa escolha feita se revelou. Foi pensando na negação que visualizei a construção da valorização da profissão, da sua importância e de todos os seus defeitos, seus ainda não feitos. Pra lá do motivo da escolha, fez-se presente em cada linha desse texto a culpada pela permanência, ou daquela que penso ser, neste momento, a culpada por minha permanência: a pesquisa.

CONCLUSÕES

As interpretações das escritas (auto) biográficas dos professores-cursistas realizadas ao longo das diversas investigações realizadas pelas professoras-



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

pesquisadoras, bem como por mestrandas/os, doutorandas/os e graduandas/os envolvidas/os no grupo de pesquisa vêm mostrando o potencial formativo dessas narrativas.

Podemos concluir, pelas narrativas, que a dinâmica curricular proposta vem possibilitando experiências – no sentido de uma construção nova de saberes que vão além da esfera cognitiva para uma compreensão mais ampliada do mundo, tecida pela “escrita de si” realizada ao longo de todo o curso.

Por outro lado, as investigações vêm mostrando que, mais importante que estabelecer metas de formação unificadas são as possibilidades postas pelo currículo para cada um desses professores construir sua compreensão de mundo, mais especificamente, do mundo de seus próprios percursos formativos, por meio de contínuas experiências passíveis de serem narradas e de se constituírem em efetivos dispositivos de formação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Verônica Domingues. **A experiência em experiência: saberes docentes e a formação de professores da Rede municipal de ensino de Salvador**. Salvador: UFBA, 2010. 212 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- Alves, Isis Ceuta Pinto. **A pesquisa como experiência: relatos sobre uma escolha pela Pedagogia**. Salvador: UFBA, 2010. Memorial (Graduação). Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 189-222.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Rev. Trad. Ênio Paulo Giachini. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 731 p.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento pessoal. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Portugal: Editora Porto, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. Tradução Márcia de Sá Cavalcanti. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e formação**. Tradução por José Cláudio e Júlia Ferreira; prefácio por Antônio Nóvoa; Revisão científica e notas à edição brasileira por Cecília Warschauer. São Paulo: Cortez, 2004.

LAPASSADE, Georges. Da multirreferencialidade como “bricolagem”. In: BARBOSA, Joaquim. G. (Org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p. 126 – 148.

LARROSA BONDIA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Tradução por Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002a. (Pensadores & Educação, 2). 136 p.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: n.19, jan/fev/mar/abr, 2002b.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995 a.

_____. **Vidas de professores**. Portugal: Editora Porto, 1995 b.

_____; FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN; São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Fabrizia Pires de. **Memória na formação do professor**: um estudo do/no Projeto Irecê. Salvador: Faculdade de Educação/UFBA, 2010. 107p. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-

PASSEGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SÁ, Maria Roseli G. B. de. Experiências formativas nos percursos curriculares de professores em exercício. In: FARTES, Vera Lúcia Bueno (Org.). **Formação, saberes profissionais e profissionalização em múltiplos contextos**: sentidos, políticas, práticas. Maceió: EDUFAL; Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Hermenêutica de um currículo**: o Curso de Pedagogia da UFBA. Tese (Doutorado em Educação). Salvador: Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. 2004.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

SALES, M.A; CARVALHO, M.I.S.S; SÁ, M.R.G.B. Uma experiência pedagógica: viagens e memórias no curso de Formação de Professores da rede municipal de ensino em Irecê. **Presente!** Revista de Educação, n. 57, ano 15, p. 38-43, Salvador, jun/ago de 2007.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antonio (Org). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

_____. **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: Narrativas do itinerário escolar e formação de professores. Salvador: Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia 2004. (Tese de Doutorado em Educação).

SOUZA, Elizeu C. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In: PASSEGI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino. (Org.), **(Auto)Biografia**: Formação, território e saberes. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

WARSCHAUER, Cecilia. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.